



Mortas nos finais de semana, desumanizadas às segundas: a cobertura jornalística de feminicídios pelas rádios universitárias como elemento reflexivo para uma educação midiática

Vitória PILAR ¹

Paulo Fernando de Carvalho LOPES²

(Universidade Federal do Piauí / UFPI)

O cenário contemporâneo da comunicação está profundamente marcado pelas transformações decorrentes do avanço da inteligência artificial (IA), que impacta desde a produção até a circulação de informações, trazendo consigo também o desafio do crescimento da desinformação. Esse contexto exige das práticas educacionais uma atualização urgente no sentido de promover a literacia midiática, entendida como a capacidade crítica de analisar, produzir e interpretar conteúdos midiáticos em diferentes espaços sociais (PRODANOV; FREITAS, 2013).

No âmbito do jornalismo, a violência contra as mulheres ocupa lugar central como pauta de interesse público, capaz de despertar emoções intensas, como choque, indignação e comoção. Entretanto, quando tratada sob a ótica sensacionalista e espetacularizada, essa cobertura perde seu valor informativo e pode contribuir para a perpetuação de estereótipos. Tutler (2017) reforça que a imprensa deve assumir responsabilidade social no tratamento dos feminicídios, pois a mídia não está acima da sociedade, mas sim imersa nela.

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí (PPGCOM/UFPI)

² Orientador do projeto e Professor da linha de pesquisa Processos e Práticas em Jornalismo do Mestrado em Comunicação da UFPI. Membro efetivo do Núcleo de Pesquisa em Comunicação e Jornalismo (NUJOC).



De acordo com o Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2023), em 2022, um em cada cinco feminicídios no Brasil ocorreu aos domingos, o que torna o final de semana o período mais perigoso para as mulheres, com 37% dos crimes. Esse dado provoca reflexões sobre como o jornalismo aborda o problema, especialmente em dias de menor circulação noticiosa, quando a tendência é de superficialidade ou invisibilização.

É nesse contexto que o presente estudo busca compreender a cobertura jornalística dos feminicídios veiculada pelas rádios universitárias, considerando sua relevância como veículos educativos e formativos. No Brasil, existem atualmente 27 rádios universitárias federais (4 AM e 23 FM), vinculadas a instituições de ensino superior públicas (SILVA, 2017). Contudo, há um vácuo regulatório e de categorização dessas emissoras, o que abre espaço para múltiplas experiências e concepções sobre seu papel social. Inseridas nesse cenário, as rádios podem tanto reproduzir os estereótipos presentes na mídia hegemônica quanto atuar na construção de narrativas críticas e reflexivas sobre a violência de gênero.

A pesquisa parte de casos emblemáticos registrados no Piauí em 2023: o feminicídio da estudante Janaína Bezerra, de 22 anos, assassinada em uma calourada da Universidade Federal do Piauí, em Teresina; e o de Márcia Reis Pereira, de 47 anos, morta dentro de casa pelo ex-companheiro em Alvorada do Gurguéia, no interior do estado. Esses dois casos ilustram o contraste entre perfis de vítimas e contextos distintos — urbano e rural, jovem universitária e mulher adulta de cidade pequena — permitindo refletir sobre a forma como a mídia diferencia as narrativas a partir de critérios de visibilidade e territorialidade.

As hipóteses que orientam o estudo indicam que: (i) a cobertura de feminicídios varia em profundidade e destaque conforme o perfil socioeconômico das vítimas e a localização do crime (capital x interior); (ii) notícias veiculadas aos domingos recebem



menos visibilidade, o que pode comprometer a conscientização social; e (iii) casos ocorridos em ambientes urbanos ou acadêmicos tendem a mobilizar maior repercussão midiática (MIRANDA, 2017; MORENO, 2012).

Do ponto de vista teórico, a pesquisa se ancora em diferentes perspectivas. O Dossiê Femicídio, do Instituto Patrícia Galvão, orienta a identificação legal do crime de feminicídio, destacando os contextos previstos na Lei nº 13.104/2015. Moreno (2012) alerta para os riscos de exploração midiática do sofrimento feminino, enquanto Miranda (2017) aponta a conivência estrutural da mídia na reprodução de desigualdades de gênero. Butler (2019) contribui com a noção de vulnerabilidade como elemento político, que pode ser mobilizado em prol da resistência coletiva. Campos (2015), por sua vez, defende que a adoção do vocabulário “femicídio” representa um avanço político-teórico essencial para visibilizar a desigualdade de gênero.

A metodologia utilizada é de natureza qualitativa, apoiada na Análise de Narrativas (MOTTA, 2017) e complementada por levantamento quantitativo de dados. Serão analisados os jornais radiofônicos de maior audiência das rádios universitárias federais do Piauí, Ceará e Maranhão, no período entre o primeiro semestre de 2025 e o segundo semestre de 2026. A etapa quantitativa consistirá no registro de informações como datas, horários, títulos, autores e conteúdos das matérias. A análise qualitativa se concentrará na linguagem, na profundidade da cobertura e nas representações de vítimas e agressores, além das estratégias comunicativas utilizadas, como imagens e recursos multimídia.

Os resultados revelaram que os padrões na cobertura midiática, permitindo avaliar se a idade, o local e as circunstâncias dos crimes influenciam a visibilidade e a narrativa jornalística. A análise da temporalidade — com especial atenção às notícias publicadas aos domingos — deverá oferecer subsídios para compreender se a dinâmica semanal afeta o tratamento jornalístico e a mobilização social em torno da violência de gênero.



As contribuições esperadas do estudo envolveram tanto o campo acadêmico quanto o social. No âmbito científico, busca-se fortalecer os debates sobre comunicação, gênero e jornalismo, oferecendo uma análise crítica das práticas midiáticas regionais. Do ponto de vista social, foi possível colaborar para a construção de um jornalismo mais responsável e sensível às questões de gênero, apontando caminhos para que as rádios universitárias cumpram sua função educativa e contribuam com a formação cidadã de seus públicos.

Em síntese, este trabalho teve como objetivo demonstrar que a cobertura jornalística de feminicídios não deve ser vista apenas como relato factual, mas como espaço de disputa simbólica, no qual se decide se as mulheres assassinadas serão reduzidas a estatísticas ou se terão suas histórias reconhecidas em sua complexidade humana. Ao problematizar o papel das rádios universitárias, o estudo buscou fomentar uma reflexão crítica sobre como a mídia pode contribuir para a educação midiática e para o enfrentamento da violência de gênero, transformando vulnerabilidade em resistência e denúncia em consciência coletiva.

REFERÊNCIAS

BIROLI, Flávia. Gênero, “valores familiares” e democracia. In: BIROLI, F.; VAGGIONE, J. M.; MACHADO, M. D. C. G. Gênero, neoconservadorismo e democracia. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 135-188.

BUCCI, Eugênio. Sobre a independência das emissoras públicas no Brasil. Revista EPTIC Online, v. 15, n. 2, p. 122-136, 2013.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CARDOSO, Yanca Jéssica Martins. *Mídia e feminicídio: uma análise discursiva da abordagem de notícias sobre feminicídio na mídia brasileira*. 2019.



DEUS, Sandra. Rádios universitárias públicas: compromisso com a sociedade e com a informação. Em *Questão*, Porto Alegre, v. 9, p. 327-338, 2003.

DOSSIÊ FEMINICÍDIO. Disponível em:
<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/feminicidio/capitulos/qual-o-papel-da-imprensa>.
Acesso em: 23 maio 2024.

FREITAS, Ernani Cesar de; PRODANOV, Cleber Cristiano. *Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo: Freevale, 2013.

GIORGI, Mario. *De cómo la hacia la construcción de una contra agenda mediática*. Avellaneda: Undav Ediciones, 2018.

GOMES, Maithe Marques da Silva. *A perspectiva de gênero na cobertura jornalística dos casos de feminicídio: uma análise do Especial Elas por Elas do portal Metrôpoles*. 2019.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; MUSTAFÁ, Izani; MATOS, Cristiana Martins de; HANG, Lorena. *História do Rádio Universitário no Brasil – Uma primeira abordagem*. In: *11º Encontro Nacional de História da Mídia*, São Paulo, 2017.

LIMA, Venício A. de. *Regulação das comunicações: história, poder e direitos*. São Paulo: Paulus, 2011.

MARTÍN-PENA, Daniel; PAREJO CUÉLLAR, Macarena; VIVAS MORENO, Agustín. *La radio universitaria – Gestión de la información, análisis y modelos de organización*. Barcelona: Gedisa, 2016.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. *Caleidoscópio convexo: mulheres, política e mídia*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

MIRANDA, Clarice Maria. *Violência contra a mulher na mídia e os descaminhos da igualdade entre os gêneros*. *Revista Observatório*, v. 3, n. 6, p. 445-464, 2017.

MORENO, Rita. *A imagem da mulher na mídia: controle social comparado*. São Paulo: Publisher, 2012.



MUSTAFÁ, Izani; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Diversidade de experiências e desafios na gestão de rádios universitárias. In: XVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom. Joinville, 2018.

PASINATO, Wânia. Femicídios e as mortes de mulheres no Brasil. Cadernos Pagu, n. 37, p. 219-246, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n37/a08n37.pdf>. Acesso em: outubro 2019.

PRADO, Débora; SANEMATSU, Marina. Femicídio: #InvisibilidadeMata. São Paulo: Instituto Patrícia Galvão, 2017. Disponível em: https://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2017/03/LivroFemicidio_InvisibilidadeMata.pdf. Acesso em: 01 mar. 2021.

RODRIGUES DE SOUZA, R. B.; LOPES, Y. Violência contra a mulher, machismo e patriarcado no enquadramento jornalístico. Revista Pauta Geral, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 19- 34, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/paus/article/view/20922>. Acesso em: 13 maio 2024.

RUSSEL, Diana. Femicide: The Politics of Woman Killing. Nova York: Twayne Publishers, 1992.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

SILVA, T.; ARAÚJO, T. Las fuentes de información y el debate sobre la violencia de género: un estudio sobre cobertura periodística de femicídios en Brasil. In: Congreso Internacional de Comunicación y Género – Gendercom, n. 09, Cádiz, Espanha, 2023.

SOUSA, Suzanny Mara Jobim de. O feminicídio e a legislação brasileira. Revista Katálysis, 2018, v. 21, p. 534-543.

THURLER, Ana Liési. Femicídios na mídia e desumanização das mulheres. Revista Observatório, 2017, v. 3, n. 6, p. 465-496.

TISCAREÑO-GARCIA, E.; GALLUR SANTORUM, S.; MIRANDA-VILLANUEVA, O. M.

Fuentes femeninas y masculinas en la cobertura del feminicidio en la prensa mexicana. Cuadernos.info, 2022, v. 51, p. 28-48. Disponível em: <https://doi.org/10.7764/cdi>.



VALENTE, Jonas. Sistema público de comunicação do Brasil. In: VALENTE, Jonas (Org.). Sistemas públicos de comunicação no mundo: experiências de doze países e o caso brasileiro. São Paulo: Paulus, Intervezes, 2009.